

foi assustado com a tarefa que me foi confiada. Falar sobre tema de extensão enciclopédica.

Para evitar a inevitabilidade de uma conferência incompleta, tomei a decisão de modificar o título desta minha fala, sem fugir obviamente da linha básica que me foi sugerida.

Eu vou falar como poderia ser uma educação sexual no Brasil e na América Latina, uma vez que são tão semelhantes os laços sócio-culturais dos povos latino-americanos que um mesmo desenho de delineamentos amplos de projeto educacional, poderia ser perfeitamente aplicado a qualquer país de origem ibérica. A variação seria apenas do pormenor naturalmente necessário às adaptações loco-regionais.

É importante na construção deste Projeto que se tenha respondido algumas perguntas básicas:

O que é Educação Sexual?

O que desejamos com a Educação Sexual?

Onde, quando e como ela deve ser transmitida?

Qual o perfil do Educador Sexual?

As duas primeiras perguntas são nitidamente filosóficas. Na verdade se eu não sei exatamente o que é Educação Sexual e com que objetivo eu vou usá-la, de que adianta saber como, quando e quem deve transmití-la? Existem alguns pressupostos que são substantivos, que são fundamentais, enquanto outros, sem deixar de serem importantes, são adjetivos ou secundários. Tudo é uma questão de hierarquia de importância.

Vamos tentar responder a primeira pergunta. Creio que podemos adotar uma postura aristotélica e definir *conceito como sendo* “a essência da coisa no pensamento”. Por outro lado a definição pode ser explicada como sendo “uma operação de linguagem que procura caracterizar a coisa para que seja compreendida por outra pessoa” Vejam bem, definir é exprimir a essência da coisa enquanto conceituar é um processo criativo, onde se capta a essência daquilo que se conceitua.

Uma pessoa pode ter uma idéia precisa do que é educação sexual e não saber defini-la convenientemente. Eu estou mais preocupado em passar para os senhores o conceito de educação do que tentar defini-la, de modo que vou dar alguns exemplos para que os senhores possam construir o conceito exato.

Muita gente pergunta por que há tanta gravidez indesejada na adolescência, quando a maior parte das pesquisas mostram que, pelo menos, alguns métodos contracepcionais eficazes, são conhecidos por todos. Vejam bem, eu falei de gravidez indesejada. Aqui é necessário fazer uma diferença entre gravidez socialmente indesejável e gravidez indesejada.

Uma diz respeito aos interesses da sociedade; outra toma como referencial os interesses do indivíduo.

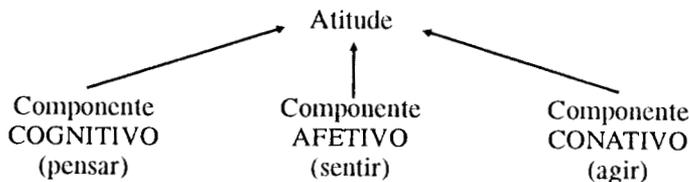
Realmente uma ponderável parcela de gestações de meninas adolescentes foi desejada por elas. Eu não me proponho aqui a discutir quais os motivos deste desejo: rebeldia contra os pais, querer prender o namorado, curiosidade, querer parecer adulta, falta de boneca em casa ou coisa que o valha. Eu não estou falando destas gestações desejadas, embora socialmente indesejáveis. Eu estou me referindo àquelas gestações que não foram desejadas pela adolescente.

Não vou aqui entrar em detalhe porque elas ocorreram: pensamento mágico, preguiça ou falta de dinheiro para comprar um contraceptivo, etc, etc, etc. O fato é que grande quantidade das adolescentes que ficam grávidas, não queriam conscientemente engravidar. Paradoxalmente conheciam os métodos contraceptivos, tinham acesso a eles mas não faziam uso deles. Como explicar este paradoxo?

A mesma coisa acontece com as doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS. Todo mundo sabe por exemplo que a imunodeficiência adquirida pode ser evitada com o uso do condom, e porque é que a AIDS ainda continua crescendo em progressão tão grande? Porque é que as pessoas não usam condom?

Muitas respostas podem ser dadas a estas indagações mas, seguramente não é por falta de informação nem por falta de acesso ao método. O que falta é uma atitude.

Vejam bem: Atitude é a palavra-chave. Brown afirma que *atitude é a disposição que um indivíduo tem para agir de forma favorável ou desfavorável em relação a um determinado objeto*. A atitude de uma pessoa se forma através de 3 componentes: cognitivo, afetivo e conativo.



Estes 3 componentes atuam de acordo com o princípio dos vasos comunicantes. Eu não vou me deter no estudo destes componentes estruturais, mas vale dizer que aquilo que um indivíduo pensa, depende muito de suas vivências e da aprendizagem no meio social.

Se uma adolescente teve com o uso de um contraceptivo uma experiência ruim ou se ouviu relatos de efeitos desagradáveis vivenciados por pessoas que lhe são significativas, este conhecimento e esta vivência terá um sentido particular para ela. É portanto com base na experiência e na

vivência que a adolescente começa a estruturar seu pensamento acerca do contraceptivo.

Além do conhecimento entra em jogo as crenças. O conhecimento é racional mas a crença é totalmente irracional. O conhecimento apela para a lógica; a crença é a aceitação acrítica de algo como verdadeiro.

É importante observar que os nossos valores, que é uma espécie de farol que orienta nossa conduta, dependem muito dos nossos conhecimentos e das nossas crenças. Quando se valoriza alguma coisa tende-se a modelar a vida de acordo com este padrão de conduta. Quem valoriza a virgindade tende a valorizar sua vida e a vida dos outros em função da virgindade.

Além do componente cognitivo também entra na composição das atitudes o componente afetivo. Ele é o sentimento ou reação emocional que tem um indivíduo em relação a um determinado objeto o que um adolescente pensa sobre contraceção a prevenção de AIDS está intimamente vinculado com o que ele sente em relação a estes objetos.

E o que o indivíduo pensa e o indivíduo sente em relação a um determinado objeto é o que gera a tendência a agir.

Estas noções primárias são suficientes para demonstrar que a educação não é instrução. A instrução ou ensino é um dos tempêros necessários à formação do conhecimento sobre alguma coisa. A educação no entanto é algo bem mais amplo. Ela compreende uma modificação de atitudes. Não é apenas ensinando problemas de sexualidade que conseguiremos mudar as atitudes e os comportamentos das pessoas. É por isso que, mesmo conhecendo coisas sobre sexualidade, conhecendo contraceptivos ou preventivos contra doenças sexualmente transmissíveis, as pessoas continuam sem usar métodos de contraceção ou os métodos de prevenção da AIDS.

É claro que a instrução é importante no processo educativo mas educar não é instruir. Educar é um crescer de dentro para fora, fruto de um processo reflexivo; instruir é um crescer de fora para dentro, fruto de um processo positivo, quem ensina transmite conhecimentos; quem educa prepara o indivíduo para a vida, despertando nele todo o seu potencial de humanização.

Sabendo que a educação sexual é a preparação do indivíduo para a vida sexual, é importante agora saber: *Para que educar? O que desejamos com a Educação Sexual? Quais os objetivos ou finalidades da Educação Sexual?* Afinal quem educa, educa com uma determinada finalidade.

Quando Platão escreveu a República ele afirmou que, a educação era a arma do estado para formar governantes filósofos. A partir daí se começou a considerar a educação com uma finalidade específica. Os regimes totalitários educam seus cidadãos para escravizá-los como forma de eternizar o totalitarismo. Um regime democrático esforça-se para,

através da educação, perpetuar o sentimento de liberdade democrática. Observem bem, a educação pode ser usada para fins políticos e na história da humanidade este tipo de educação é muito conhecido.

As vezes, a educação é usada com os propósitos ou a finalidade religiosa. Em qualquer hipótese há, na educação, um componente estático e um componente dinâmico. A educação pode ser usada para conservar os padrões sociais e religiosos vigentes ou utilizada como um processo que predispõe à mudança cultural. Uma posição equilibrada seria poder manter as duas coisas: educação como processo de socialização e educação como processo de mudança.

O perigo é que muitas vezes se usa a educação apenas com a finalidade de socializar, de moldar as pessoas dentro dos padrões culturais de um grupo. Uma educação sufocante que não permite contestar os valores, mas robotiza as pessoas mantendo os mesmos padrões, os mesmos costumes, a mesma moral, as mesmas verdades, estereotipando as pessoas no agir, no sentir e no pensar.

A verdadeira educação tem um aspecto socializador na medida em que prepara o indivíduo para viver em uma determinada sociedade, mas ao mesmo tempo instrumentaliza a pessoa para a mudança cultural. Aumenta a capacidade crítica do indivíduo para que ele seja capaz de criticar e abandonar certos valores ou padrões de sua cultura e recriar a sociedade em que ele deseja viver.

Pois bem, a educação sexual *deve estar a serviço da felicidade da pessoa humana, preparando-a para, através do uso responsável da liberdade, ser um agente eficaz de promoção da felicidade individual e coletiva.* A educação sexual deve estar a serviço do indivíduo e da sociedade.

Educação sexual não é apenas educação para contracepção nem para evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis. Educa-se para a felicidade sexual das pessoas. Educa-se para preparar o indivíduo, através do uso responsável da liberdade, ser um agente eficaz de promoção da felicidade individual e coletiva.

Educa-se para a liberdade sexual, mas para uma liberdade responsável que faz com que o indivíduo respeite a liberdade sexual do outro, os limites e a integridade do outro. Evitar AIDS e gestações indesejadas são meras conseqüências.

Eu diria que a educação sexual deve estar voltada para o amor. Amor não entendido apenas como atração biológica. Tesão físico pelo outro. Amor entendido não como uma necessidade unilateral de receber, de tirar alguma coisa do outro. Amor entendido não como um amor romântico, que deifica o outro, uma forma de amor que se conforma apenas em dar. Eu me refiro ao amor maduro que é dar e receber, que é amar e ser amado, que é comunicação bilateral. Promover este tipo de amor é que é a verdadeira finalidade da educação sexual.

Agora que respondemos as perguntas fundamentais: O que é a Educação Sexual e quais as suas finalidades, podemos passar para os aspectos adjetivos ou operacionais.

Onde, quando e como a Educação Sexual deve ser Transmitida.

Esta pergunta que, na verdade é um tríplice indagação, nos obriga a dizer que a Educação pode ser de 3 tipos fundamentais:

Educação formal ou sistemática
Educação Assistemática ou informal
Educação não-formal.

A Educação Sexual formal ou sistemática, intencional ou direta é aquela que é fornecida pelo sistema institucionalizado de educação, ou seja pela Pré-escola, pela Escola, pela Universidade. Enfim pelas instituições de ensino. Aqui se observa uma intencionalidade educativa, com uma estratégia de ordenação gradativa de conhecimentos e toda uma tecnologia educacional.

A Educação Sexual Assistemática ou Informal, também chamada de espontânea ou indireta é aquela que se ensina e se aprende sem planos pré-estabelecidos. A informação que se dá as pessoas faz com que elas tenham um comportamento imitativo.

Enquanto a Educação formal é dada pela escola, a educação informal é dada pela família, pela Igreja, pelos grupos sociais. Sem entrar na discussão do se é certa ou errada, boa ou má, vejam por exemplo os meios de comunicação de massa, notadamente a televisão. Eles fazem uma educação informal ou assistemática.

Um terceiro grupo está constituído pela Educação Não-formal que é um meio-termo entre a educação sistemática e a educação assistemática. Ela é oferecida no momento em que fazemos conferências e palestras para grupos interessados mas que não pertencem propriamente ao sistema de ensino. A educação não-formal é porém intencional e direta. Como exemplo, o que estamos fazendo aqui no momento, é educação sexual não-formal.

Eu gostaria de afirmar que sou perfeitamente favorável a qualquer uma destas modalidades educativas. Eles não são excludentes. Claro que a melhor educação seria aquela que fosse fornecida pelos próprios pais. Em uma enquete nacional que tive oportunidade de fazer no ano de 1989, com 4.000 estudantes do Brasil, pude constatar que 95% preferiam que a educação sexual fosse dada pelos pais.

A despeito desta preferencia todos sabem que os pais tem dificuldade de falar de sexo com os seus filhos. Há exceções, mas elas apenas existem para contrariar a norma geral. Certa ocasião fiz um pequeno programa de treinamento para pais e constatei que quando eles davam esclarecimentos para os filhos dos outros eram de uma atuação perfeita, mas quando chegava o momento de ensinar aos próprios filhos aparecia a barreira inibição. São fenômenos culturais que pouco a pouco serão superados.

Sem que se abandone o papel educador dos pais temos, a curto prazo, de nos valer do ensino formal. Eu hoje sou um entusiasta deste tipo de atividade. Eu diria, sobretudo, de Educação Sexual para estudantes do ensino fundamental ou seja do primeiro grau. Claro que se a prioridade é o primeiro grau isto não exclui que se atue no segundo grau ou na universidade.

Hoje com a liberalização sexual as pessoas estão tendo relações sexuais cada vez cedo, de modo que se quisermos usar a educação como uma força preventiva temos de instituí-la o mais precocemente possível. Daí porque eu priorizo o primeiro grau.

Nós estamos atualmente compromissados com um plano de educação sexual formal. Chegamos a conclusão que é necessário, em primeiro lugar, formar uma massa crítica de educadores para habilitá-los ao ensino da educação sexual. Estamos hoje com 2 cursos de pós-graduação em Educação Sexual, testando onde ele funciona melhor: numa universidade federal ou numa universidade particular?

São cursos de 360 horas de duração, reconhecidos pelo MEC e neles serão formados os primeiros 100 especialistas de Educação Sexual do Brasil. Serão portadores de um diploma universitário com estas características. Eles estudaram as seguintes disciplinas:

1. Anatomofisiologia da sexualidade e da reprodução
2. Doenças sexualmente transmissíveis e AIDS
3. Psicologia da sexualidade nas diferentes fases da vida
4. Antropossociologia da sexualidade
5. Planejamento familiar
6. Instrumentos de modificações de atitudes
7. Metodologia de ensino superior
8. Ética da educação sexual
9. Didática e metodologia da educação sexual
10. Planejamento e avaliação em educação sexual

Além de prática de ensino, através de estágio supervisionado, os alunos da pós-graduação deverão apresentar e defender uma monografia.

A finalidade destes cursos pioneiros de pós-graduação é formar núcleos universitários permanentes. Além do mais, estes especialistas estão legalmente habilitados a ensinar no segundo grau.

Simultaneamente estamos desenvolvendo um projeto com a ONU, em 5 estados do Brasil, para cursos de especialização a nível das escolas de magistério. Estas escolas, antigamente chamadas de escolas normais, se encarregam de formar os professores para o primeiro grau.

Como os senhores estão vendo, o CESEX está atuando na preparação de professores tanto para o primeiro quanto para o segundo grau. Ao mesmo tempo estamos propiciando a possibilidade de cursos de pós-graduação em universidades particulares e privadas do Brasil. Este programa deve durar até 1994 quando esperamos que várias universidades brasileiras já tenham instituído cursos regulares de pós-graduação.

A pergunta Como ensinar? é importante de ser respondida para que se diga que usamos ensino participativo, através de dinâmicas de grupos, workshops e simpósios. Muito poucas aulas formais.

Nós publicamos, já faz algum tempo, um livro intitulado: "Saúde Sexual e Reprodutiva: Ensinando a Ensinar". Este livro é destinado a professores e possui três partes: na primeira parte há uma quantidade bastante grande de dinâmicas de grupo e ensina-se ao professor como aplicá-las.

Na segunda parte do livro há vários textos de apoio. Estes textos são os principais tópicos que devem ser tratados nos cursos de Educação Sexual. Os assuntos são os seguintes:

1. Identidade e papéis sexuais
2. Mitos, crendices e tabus sexuais
3. Caracterização do adolescente
4. Anatomia e fisiologia da resposta sexual humana
5. Anatomia e fisiologia da reprodução
6. Ampliando o conceito da sexualidade
7. A sexualidade do adolescente
8. Aprendendo como evitar uma gravidez não desejada
9. Sexualidade e drogas
10. Doenças sexualmente transmissíveis e AIDS
11. O papel do educador na formação de atitudes

É óbvio que dentro de nossa filosofia de atuação a educação sexual nas escolas não deve constituir uma disciplina com provas e com créditos. Não é bem assim, o professor é treinado para ser educador, isto é, para discutir com os alunos problemas de sexualidade humana. Uma discussão par-

ticipativa, onde ele não assume uma postura de juiz nem de dono da verdade. Não existem propriamente aulas de educação sexual, no sentido de aulas formais.

O papel educativo do professor ocorre em duas circunstâncias: a primeira de caráter individual, quando ele é procurado particularmente por algum estudante para discutir problemas específicos, e a segunda, de caráter coletivo, quando ele promove a incentivo a formação de simpósios, grupos de estudos, workshops ou seminários sobre assuntos de sexualidade.

Não pensem que o professor é necessariamente o de biologia. Aliás este quase nunca é o educador da melhor espécie. Eu fico muito a vontade para fazer a crítica porque fui professor desta disciplina durante muitos anos. Mas de modo geral, o professor de biologia está muito comprometido com os aspectos biológicos da sexualidade. Nós preferimos aquelas pessoas que tenham uma visão menos setorial, porque se o sexo é biológico a sexualidade é sobretudo cultural. Ela é mais cultura do que natura. Isto não significa que não haja excelentes professores de biologia que podem ser educadores sexuais competentes e eficientes.

E quase que naturalmente estamos respondendo a última pergunta *Qual o perfil do Educador Sexual?* O bom professor para ser treinado para fazer curso de educação sexual é aquele que normalmente é procurado pelo aluno para um conselho, ou um esclarecimento. Ele pode ser de qualquer disciplina mas é o fato de ser uma pessoa significativa para o aluno que o credita a ser um bom educador sexual.

Na terceira parte do livro *Ensinando a Ensinar* nós mostramos como se pode fazer uma seleção atitudinal dos candidatos e Educadores Sexuais. Inclusive temos um teste de atitudes que elaboramos e onde existe também o perfil médio do Educador Sexual no Brasil. É ainda um método grosseiro para selecionar candidatos mas em termos de Educação Sexual, onde temos de modificar atitudes e criar posturas atitudinais abertas, é ainda um bom indicativo.

Eu não poderia deixar passar esta oportunidade para trazer finalmente para os senhores o posicionamento ideológico do CESEX sobre os educadores e educação sexual. Ele diz o seguinte:

“Ao submeter a debate público o seu posicionamento sobre Educação Sexual, o CESEX não pretende fixar diretrizes para ministrá-la. Aspira sim, que seu trabalho se converta em um ponto de afluência de idéias, para que possa delinear o tipo de educação mais propícia aos ideais de nossa sociedade.

Respeitando as opiniões divergentes, o grupo que integra o CESEX acredita que suas idéias centrais sobre a educação e o educador, podem ser assim resumidas:

1. A Educação Sexual deve transmitir, sem dogmatismos, sistemas de valores e padrões de conduta social, de modo a permitir ao indivíduo, a opção de criar o seu próprio destino e de remodelar a sociedade em que deseja viver.

2. A Educação Sexual, além de fornecer informações científicas de caráter biológico, deve, em sua abrangência, promover a compreensão do conteúdo social e a dimensão do afeto, que dão significado à conduta humana.

3. A Educação Sexual deve ser transmitida por quem esteja verdadeiramente consciente da beleza, da respeitabilidade e da dignidade do sexo. Sexo isento de culpa e depurado de concepções míticas.

4. A Educação Sexual deve ser transmitida por quem respeite os valores dos indivíduos e dos grupos sociais, e acredite que a sexualidade é um fator de crescimento das pessoas e da sociedade, opondo-se ao emprego do sexo como instrumento de poder e dominação.

5. A Educação Sexual deve ser transmitida por quem esteja adequada com sua própria sexualidade e acredite na atividade sexual como forma indissolúvel de prazer, de procriação e de comunicação interpessoal.

Desta forma, o CESEX acredita que, promovendo e apoiando o direito do indivíduo escolher livremente as opções e as alternativas de sua conduta sexual, deve enfocar, paralelamente, a noção de sexualidade responsável, divulgando as conseqüências do uso indevido do sexo, para a saúde individual e coletiva.

Aberto à crítica e ao debate, o CESEX submete seu posicionamento à discussão, certo de que, ao aceitar o questionamento de suas idéias, está transmitindo a mensagem de que o educador deve ser alguém que não se posicione como sendo o dono da verdade, mas que se abra ao diálogo sobre os mistérios da vida.”